PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

AS EXPECTATIVAS DE PROFESSORES ALFABETIZADORES DIANTE DAS CRIANÇAS DURANTE O PROCESSO DE TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

CAMPINAS

2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MICHELLY LEOPOLDINO DE OLIVEIRA

AS EXPECTATIVAS DE PROFESSORES ALFABETIZADORES DIANTE DAS CRIANÇAS DURANTE O PROCESSO DE TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do grau Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Eliete Aparecida de Godoy

CAMPINAS

2023

Reservado para ficha catalográfica

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MICHELLY LEOPOLDINO DE OLIVEIRA

AS EXPECTATIVAS DE PROFESSORES ALFABETIZADORES DIANTE DAS CRIANÇAS DURANTE O PROCESSO DE TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em [Dia] de [Mês] de [Ano] pela comissão examinadora:

Prof(a). Dr(a). [NOME]

Orientador e presidente da comissão examinadora.

Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Prof(a). Dr(a). [NOME]

Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Prof(a). Dr(a). [NOME]

Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

CAMPINAS

2023

Primeiramente, dedico este trabalho de conclusão de curso a Deus, que com seu imenso amor nunca me abandonou, atendendo às minhas orações nos momentos de angústias. Mesmo nos momentos em que pensei que minhas preces não eram ouvidas, Ele se manifestava com um milagre maravilhoso!
Aos meus amados pais, que, mesmo sem compreenderem totalmente, sempre estiveram presentes, auxiliando e apoiando-me em minha jornada acadêmica!
Aos professores da PUC, a quem admiro e busco inspiração como profissional!
Aos meus companheiros de sala, que compartilharam ao meu lado esse processo desafiador, porém gratificante.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois ele é meu sustento, todas as vezes que achei que não iria conseguir Ele segurou minhas mãos e me deu forças, só eu e Deus sabemos das noites em claro e das lágrimas de angústia por medo de não dar conta.

Agradeço a mim mesma, pois mesmo desanimada em alguns momentos, eu via como oportunidade de crescer, mesmo querendo desistir, eu segurei firme, e cá estou eu.

Agradeço à minha família que nunca colocou os pés em uma instituição de ensino superior, porém sempre me apoiaram e me deram o sustento para me manter na universidade, mesmo com o pouco, fizeram muito. Em especial a minha mãe, meu pai, meus avós paternos e meu tio Advaldo, que hoje é uma estrelinha que brilha lá no céu.

Agradeço meu namorado Ricardo, por todo apoio, ele me acompanha desde a época do vestibular e hoje continua comigo, passando por mais um processo de aprendizagem, ouvindo meus lamentos e comemorando minhas vitórias, sempre me incentivando a continuar!

Agradeço aos meus colegas de sala que sempre me acolheram de forma afetiva e me fizeram sentir parte da turma. Em especial aos meus amigos mais próximos, a Natasha que sempre deu uma palavra de esperança, e ao Sylvio que me acompanhou no último ano da faculdade, sempre teve um olhar crítico e sempre trabalhou a minha auto estima.

Agradeço à minha orientadora de Iniciação científica, por me apresentar o processo de transição das crianças que saem da educação infantil e entram para o primeiro ano do ensino fundamental e também a perspectiva da psicologia histórico cultural. Agradeço à minha colega de sala Sara que me permitiu entrar para a Iniciação Científica que desvelou o tema do meu trabalho de conclusão de curso.

Agradeço a todos os professores da PUC Campinas que passaram pelo meu processo de ensino-aprendizagem, todos me marcaram de alguma forma. Em especial à professora Eliete que me orientou e me ajudou a estruturar este trabalho

de conclusão de curso, sempre deixou claro que eu era capaz, mas quando necessário também puxava minha orelha.

Agradeço ao governo atual, que em consequência da criação de políticas públicas tornou possível meu ingresso na melhor universidade particular de São Paulo! Graças ao PROUNI, a filha do mecânico (autônomo) e da dona de casa, vai ser a primeira a ter um diploma de ensino superior, na família.

Finalizo meus agradecimentos com o trecho de uma música que sempre ouvia enquanto elaborava o TCC que é:

“E ao olhar pra trás, tudo que passou
Venho agradecer quem comigo estava
Ergo minhas mãos pra reconhecer
E hoje eu sou quem eu sou
Pois Sua mão me acompanhava
Mas eu sei, não é o fim, é só o começo da jornada…”

- Só o começo, Vocal Livre.

“Através dos outros, nos tornamos nós mesmos."

Lev Vygotsky

(1896-1934)

RESUMO

Oliveira, Michelly Leopoldino. **As expectativas de professores alfabetizadores diante das crianças durante o processo de transição da educação infantil para o ensino fundamental,** 2023, 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia - Faculdade de Educação). Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Campinas- SP, 2023.

O presente trabalho busca identificar como é a visão do professor do ensino fundamental ao acolher crianças da Educação infantil. Os objetivos deste trabalho foram trazer discussões sobre a transição da criança pré-escolar para o ensino fundamental, as especificidades do desenvolvimento da criança, aspectos curriculares, pedagógicos na perspectiva histórico cultural, neste caso na perspectiva de Vygotsky, e fazer uma análise buscando aproximações ou distanciamento entre expectativas da criança na educação infantil e a do professor que as acolhe no ensino fundamental. A metodologia utilizada neste trabalho foi de caráter qualitativo, trata-se de uma pesquisa fundamentada na teoria Histórico-cultural, focando no olhar do professor diante de crianças que estão ingressando no ensino fundamental. Foi uma pesquisa de campo realizada com professoras de escolas públicas, em específico da cidade de Indaiatuba. Para além da pesquisa de campo, foram utilizadas também como fontes de informações a plataforma de periódicos CAPES, para identificar as pesquisas publicadas nos últimos cinco anos referente ao assunto. Foram utilizados outros autores além de Vigotsky, como Sônia Kramer, foram utilizados documentos que norteiam a educação como BNCC, DCNEI e RCNEI. A pesquisa explorou informações empíricas, para a coleta de informações, definiu-se, integrar a pesquisa de campo, para responder aos objetivos. As escolas escolhidas foram todas da rede pública do município de Indaiatuba. A escolha dos participantes, obteve como critério, professoras que trabalham na transição escolar, professoras que recebem os alunos do primeiro ano do ensino fundamental. O atual estudo possibilita na área da educação ampliar os estudos diante do processo de transição escolar, colocando como embasamento como funciona na prática o processo da transição escolar.

Palavras-chave: Expectativas de professores. Educação Infantil. Ensino Fundamental. Transição Escolar.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

RCNEI - Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

MEC - Ministério da Educação

ZDP - Zona de Desenvolvimento Proximal.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 19
CAPÍTULO I - A TRANSIÇÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL 22
1.1 Escolarização da criança de cinco e seis anos 23
1.1.1 Conceito de criança e infância segundo os documentos norteadores 25
1.1.2 O projeto de transição escolar e a desigualdade social, quais impactos as diferenças sociais na escolarização da criança na primeira infância 28
1.1.3 Vygotsky e a teoria Histórico-cultural 29
1.2 Prática pedagógica e o projeto de transição escolar da criança de 6 anos 30
1.2.1 A transição escolar da Educação infantil para o ensino fundamental na perspectiva dos documentos orientadores e das DCNEI 30
2 A PESQUISA 33
2.1 A Pesquisa 33
2.2 Tipos de pesquisa e método 34
2.3 Contexto e participantes 34
2.4 Técnicas e procedimentos para coleta de dados 36
2.5 Procedimentos para análise dos resultados 37
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO 38
3.1 Caracterização das docentes participantes 38
3.2 O processo de transição e a relação familiar diante da visão dos professores alfabetizadores 41
3.3 Os relatórios que os professores recebem da educação infantil e como trabalham especificidades e singularidades das crianças no ensino fundamental 44
3.4 Possíveis aproximações das expectativas de professores e das crianças ingressantes no ensino fundamental 46
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 50
REFERÊNCIA 52
APÊNDICES 55

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Formação acadêmica das profissionais..... 32
Quadro 2. Processo de transição e a relação familiar..... 56
Quadro 3. Relatórios e a sua utilidade para as professoras do ensino fundamental..... 57
Quadro 4. As expectativas dos professores ao receber as crianças no primeiro ano, como fazem para garantir as especificidades e singularidades de cada criança..... 59

MEMORIAL ACADÊMICO

Começo esse memorial muito emocionada, pois ao sair da aula de TCC A a professora explicou como escrever o memorial, resolvi rascunhar no mesmo dia na volta da faculdade para casa, estou dentro de uma van retornando para minha cidade (Indaiatuba), olhando pela janela (igual aquelas cenas de filme) refletindo a minha história acadêmica.

E antes de iniciá-la gostaria de situar os leitores sobre quem sou e sobre minha família para que lá na frente vocês entendam a minha trajetória e luta para chegar onde estou hoje, aqui, escrevendo meu TCC.

Bom, venho de uma família humilde e de princípios cristãos (mesclado entre protestantes e católicos). Por ser uma família que não é de classe alta, os estudos nunca esteve muito presente na vida dos meus familiares. Começando dos meus avós, eles não tiveram oportunidade de estudo, sempre trabalharam em fazendas, e depois de mais velhos que aprenderam a ler e escrever, mas apenas o básico. Já meus pais, meu pai concluiu o oitavo ano, depois teve que deixar os estudos para poder trabalhar em período integral, minha mãe estudou até o quarto ano do ensino fundamental, depois o pai dela tirou ela da escola com a seguinte justificativa “mulher só precisa saber pilotar fogão”, então desde os onze anos minha mãe trabalhava de cozinheira, faxineira e costureira na casa de mulheres ricas, e quando chegava em casa, tinha que ajudar na organização da casa e a servir seu pai com seus irmãos. Enfim, por conta de todo o contexto religioso e de falta de oportunidade de estudos, acabei crescendo em um lar que acredita em muitas inverdades e que acaba acreditando no senso comum, mas eu nunca me contentei com isso, mas isso não é história para esse início, agora quero apenas contextualizar as raízes da minha família.

A minha história começa no dia vinte e cinco de abril de dois mil e um, quando nasci, na cidade de Indaiatuba - SP.

Nasci às 10h da manhã, um parto normal, minha mãe deu à luz a sua primeira filha aos trinta e seis anos de idade.

Eu não frequentei creche, pois minha mãe não tinha a visão de que a creche ajudava no desenvolvimento da criança, ela tinha apenas a visão de que a creche

era um espaço para deixar a criança para poder ir trabalhar. Por isso eu ficava com minha avó já que ela tinha confiança em deixar.

Desde bebê sempre fui muito quieta e tímida, medrosa também, vivia grudada na minha avó e na minha mãe. Quando minha mãe me levou ao pediatra, ela disse que eu tinha síndrome do pânico por conta da minha mãe ter passado uma gravidez muito turbulenta (minha mãe passou muito medo, e passou pela gravidez sozinha).

Quando chegou a fase da pré-escola eu não queria ficar, chorava muito, entrava em pânico só de ver aquela multidão de pessoas. Então minha mãe insistiu, as professoras tentaram outros métodos para que eu me adaptasse, mas não adiantou, minha mãe acabou não me levando mais a educação infantil, disse que não era tão importante, que no ano seguinte eu tinha que ir, pois era o primeiro ano e era obrigatório, lá eu iria aprender a ler e a escrever.

Sempre estudei em escola pública, o primeiro ano do ensino fundamental chegou, e eu de novo entrei em pânico, uma angústia muito pior que dá pré-escola, pois a escola era muito maior, tinha mais crianças ainda. Eu não ficava, chorava até passar mal, minha mãe teve que trazer me trazer embora, então minha mãe conversou com a diretora sobre meu “diagnóstico” (falo assim porque minha mãe só fala isso, nunca quis entrar em detalhes e diz que graças a Deus já fui curada, então não sei exatamente o que a pediatra disse) de síndrome do pânico, a diretora encaminhou para uma psicóloga gratuita, porém as sessões eram em grupo e eu não me abria, entrava muda e saia calada. Minha mãe vendo que não tinha resultados voltou a conversar com a diretora, e elas entraram em comum acordo de que minha avó iria me acompanhar na sala de aula, nesse meio tempo, minha mãe juntou dinheiro para pagar uma psicóloga particular (reencontrou uma velha amiga da área e ela cobrou mais barato).

Então se passou um ano assim, fazendo tratamento com a psicóloga (individualmente eu me desenvolvi bem) e minha avó me acompanhando na sala de aula, ela foi me ensinando a conviver sem ela na sala de aula aos poucos, cada vez ela ia se distanciando mais de mim. Começou sentada junto comigo, depois passou a sentar mais longe, depois foi para a porta, em seguida no corredor, depois na portaria e assim encerrei meu primeiro ano letivo.

O meu primeiro ano não foi nada proveitoso, não consegui aprender a ler, pois tinha vergonha de falar, a professora insistiu perguntando “ B A formam qual

som?”, mas eu respondia com meu silêncio, quase estourei em faltas e tive que fazer muito reforço.

O segundo ano do ensino fundamental chegou, e de novo, novas batalhas foram travadas, cheguei ao segundo ano sem saber escrever com letra de mão e sem saber ler, então minha mãe pagou (na verdade na época ela revendia roupas, pagava em troca de roupas) a minha vizinha para me ensinar no contraturno, e além do mais a professora de sala trabalhava comigo no reforço. Com o tempo consegui acompanhar a turma e finalizei o segundo ano letivo.

Já do terceiro ao quinto ano as aulas fluíram, as dificuldades foram diminuindo, mas ainda tinha que participar de reforços e às vezes de aula extra em casa, pois meu rendimento em matemática começou cair, mas nada fora do comum, e consegui ir avançando cada etapa, nunca repeti.

No ensino fundamental II, as coisas fluíram com um pouco mais de normalidade, já não apresentava tanta dificuldade, e quando apresentava, conseguia pedir ajuda para algum colega ou professor mesmo.

Ainda no ensino fundamental II, toda vez que tinha que responder alguma pergunta de forma oral ou apresentação em grupo, eu não apresentava, pois ainda era muito tímida, comecei perder nota e com isso, possíveis reprovações, de novo minha mãe foi até a escola para conversar e as professoras começaram a passar atividades de escrita para que eu não perdesse nota.

Já no ensino médio comecei a socializar mais, porém ainda tinha uns traços de timidez, quando ia apresentar seminários ficava muito nervosa e tremia demais, porém fui aprendendo a diminuir isso aos poucos.

No primeiro ano do ensino médio, começou as perguntas sobre o que eu queria ser, e eu sempre tive certeza que queria ser professora (quando era criança amava brincar de escolinha), porém por ser uma profissão muito desvalorizada e até mesmo zoada pela minha geração, sempre tive vergonha em dizer, então falava que não sabia ainda. Mas estava me preparando e estudando para o vestibular, infelizmente não recebi muito incentivo familiar já que minha família sempre foi acostumada a crescer, trabalhar e viver para aquilo, conseguir se manter com o básico, eles queriam que eu fosse jovem aprendiz para contribuir na renda familiar.

Já no segundo e terceiro ano do ensino médio falei que queria algo voltado à educação, e quando alguém me desmotivava por conta da desvalorização, falei que era por isso que eu tinha que lutar, principalmente lutar pela escola pública.

Então chegou o ENEM, eu estava completamente nervosa, a princípio, meu objetivo era UNICAMP já que é uma universidade pública, pois a PUC não passava pela minha cabeça já que nunca teria dinheiro para pagar, e eu não me sentia capaz de conseguir PROUNI 100%. Prestei ENEM no terceiro ano apenas com os conhecimentos da escola e período noturno (neste meio tempo trabalhava de jovem aprendiz em uma loja de roupas), mas não foi suficiente, não tive nota, não deu certo SISU e muito menos PROUNI, o sonho de entrar na UNICAMP e ou talvez na PUC foi por água abaixo, me lembro de ter chorado muito, tive crises de ansiedade e me perguntava o tempo “porque logo eu reprovei, porque a maioria consegue e eu não ? Por que sempre pra mim é mais difícil ?”. Minha mãe veio falar comigo, disse que se eu quisesse, ela pagava uma faculdade que tem na minha cidade, lá era barato e perto de casa, disse que trabalharia dobrado pra me manter lá, e eu disse: “Se for pra entrar em qualquer lugar prefiro trabalhar e não ter um diploma”. Ela disse que eu estava sendo mesquinha e egoísta, mas não falei por mal.

Resolvi estudar mais um ano, porém não tinha dinheiro para pagar os melhores cursinhos, e precisava não trabalhar mais de aprendiz para focar totalmente nos estudos, então meu namorado me deu o cursinho online “Descomplica”, o mais caro, que era um combo para entrar nas melhores universidades de São Paulo que tinha aula em período integral, e consegui uma bolsa em um cursinho não muito reconhecido, mas fazia aulas aos sábados de manhã. Mas ainda apresentava muito dificuldade em matemática, então meu namorado que faz faculdade de exatas e adora cálculo, começou me dar aulas de reforço no sábado a tarde, após o cursinho presencial, e comecei fluir, e para diminuir a ansiedade, tomava chá de camomila e fazia ginástica rítmica a noite (gratuito pela prefeitura), a ginástica era igual uma terapia, lá eu esquecia de todo o caos do vestibular, relaxava e me ajudou manter a calma no dia do vestibular. Enfim, eu estudava de segunda a sexta de manhã e de tarde em casa, em um espaço improvisado (uma mesa na sala com um computador, meu quarto não tinha espaço e na sala ficava no mesmo local da televisão), sábado às 7h até 12:00 no cursinho, de lá ia para a casa do meu namorado, estudávamos mais umas duas e meia matemática básica.

O dia tão temido chegou, fui prestar ENEM e vestibular da UNICAMP, mas fui mais segura do que no primeiro ENEM, eu estava bem comigo mesmo e sabia que tinha dado meu melhor, mas ainda estava um pouco nervosa e com medo do futuro,

pois se eu não passasse de novo, iria precisar trabalhar, pois meus pais não iriam ficar me sustentando por muito tempo.

O resultado saiu, não passei na UNICAMP de novo, chorei muito, insegurança me pegou e novamente estava vivendo aquele caos. Saiu as inscrições para um vestibular no IFSP - Salto, prestei e passei, mas era Letras, porém, eu queria mesmo era Pedagogia, então não fui. O resultado do SISU saiu, e eu passei em Pedagogia na UFPB, fiquei muito feliz, afinal, passei em federal, mas por ser em outro Estado meus pais falaram que eu não ia e eles não iriam me sustentar de longe, um sonho destruído, mas ainda tinha o PROUNI (Tinha me inscrito apenas na PUC, eu falava que de particular se não fosse a PUC eu não queria nenhuma outra), primeira chamada do PROUNI saiu, e não passei. A frustração veio, chorei a madrugada toda, minha última esperança era a PUCC, eu também não quis nem saber da segunda chamada, no dia do resultado da segunda chamada, desliguei a internet e chorei de angústia, pois tinha medo de ler “reprovada” novamente. Meu namorado tinha acesso a senha dos vestibulares, e ele entrou para ver, e eu tinha passado em em terceiro lugar na PUC com bolsa integral, ele ligou desesperado, fez uma festa, e dessa vez, pela primeira vez, chorei de alegria. Minha mãe não ficou tão feliz, disse que Campinas era uma cidade grande, que eu ia encontrar muitos desafios que não estava acostumada, e disse que ser professora a deixava preocupada, pois eu podia ser agredida em sala de aula. Mas meu pai comemorou, disse que a PUCC era uma instituição maravilhosa e reconhecida.

Começou toda a correria atrás da documentação do PROUNI, achei que não ia dar certo, porém, todos se juntaram para me ajudar, até mesmo quem torcia contra. Lembro-me do dia da última entrega de documentos do PROUNI, meu namorado ficou responsável de pegar um documento no cartório, porém o carro dele quebrou e o cartório fechou, e eu precisava sair no dia seguinte cedo para Campinas antes do cartório abrir, então meu primo saiu comigo cedo, e um tio muito querido (infelizmente veio a falecer início de dezembro de 2022, talvez escrever sobre ele no meu TCC seja uma forma de agradecê-lo, já que não consegui fazer isso em vida) pagou um motoboy para pegar o documento no cartório de Indaiatuba e levar até a PUCC, a atendente do NAS me deu até às 10h para esse documento chegar, às 9:55 o documento estava em minhas mãos e deu tudo certo.

Quando finalmente deu tudo certo, minha mãe comemorou e disse que estava feliz, pois ela no passado queria ser professora também, mas o pai dela não

deixou, disse que mulher só precisava ir até o quarto ano, depois só servia para pilotar fogão.

Os meus quatro anos de universidade foram incríveis, cheios de altos e baixos, mas aprendi muito, cresci demais e mudei muitos pensamentos, continuo mudando e aprendendo. Os estágios acrescentaram na minha formação, a prática me fez ter outra visão, as aulas teóricas me fizeram apaixonar ainda mais pela área da educação, e eu não pretendo parar por aqui, pretendo continuar estudando e aperfeiçoando meus conhecimentos.

E chegando ao final deste memorial, gostaria de dissertar o motivo de ter escolhido o meu tema de TCC. Eu sempre tive vontade de fazer iniciação científica, mas me sentia incapaz, porém criei coragem e resolvi fazer no meu terceiro ano de faculdade. O tema da iniciação é sobre a transição da educação infantil para o ensino fundamental, dentro disso trabalhei através de jogos de regras os sentimentos e expectativas dessas crianças para ir para o ensino fundamental. Dentro dessa temática, surgiu a curiosidade em saber quais as expectativas dos professores que irão receber essas crianças.

Enfim, o meu coração se enche de gratidão em estar escrevendo esse TCC, para mim não é apenas um TCC, mas sim a escrita da primeira pessoa da família a entrar na universidade, e apesar de ter enfrentado muitos desafios familiares, hoje eu entendo que foi porque eles não tiveram acesso as mesmas coisas que eu. E desde que entrei na universidade recebi ajuda de diversas formas dos meus pais, avós, tio e primos. E meus amigos, namorado e professores da universidade também, todos fazem parte da minha história, e todos contribuíram de alguma forma na minha formação.

Gostaria de finalizar esse memorial fazendo uma reflexão diante da minha realidade social e de tantos outros jovens brasileiros, é injusta a corrida, a desigualdade social está escancarada na sociedade, mas todos fingem normalidade.

Eu enfrentei problemas desde o passado, já que meus familiares não tiveram oportunidade de estudar por precisarem trabalhar ou por machismo, coisa que pessoas na época deles já tinham condições financeiras de estudos muito melhores que eles, e hoje após entrar na universidade e entender algumas questões sobre a desigualdade social, entendo o porque de início não fui apoiada aos estudos, não julgo e nem culpo meus familiares, hoje eles também entendem a importância da faculdade na minha vida, é estampado em seus rostos o orgulho que sentem.

Por fim, infelizmente, eu ainda sou uma das milhões de pessoas pobres que sonham em entrar na universidade, pois quantos colegas sonharam com isso, e não puderam, precisaram trabalhar para manter a casa. Então mesmo eu não estando em condições que me favorecia, eu fui/sou muito privilegiada, tive a chance de estudar para o vestibular por um ano sem me preocupar em trabalhar. Eu mereço chegar aonde cheguei, mas todos que vem da mesma realidade deveriam conseguir, eu não deveria ser uma das poucas e eu não deveria ser um exemplo de meritocracia para os que conheço, deveria ser exemplo de um direito de todos, por isso escolhi a educação, para que eu tenha forças para lutar por uma educação que atenda a todos e não apenas uns privilegiados.

INTRODUÇÃO

A partir de leituras, como o artigo “Faz de conta que as crianças já cresceram”: o processo de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, das autoras Martinati e Rocha - (PUC- Campinas/SP, 2015), é possível considerar que no cenário de transição da educação infantil para o ensino fundamental, momento que todas as crianças passam na sua trajetória escolar, é um processo de transição pouco valorizado na organização pedagógica das escolas.

Neste processo de transição entre um nível escolar para outro é desejável que as crianças sejam acolhidas pelo contexto escolar considerando o novo contexto vivido pelos alunos. A preparação da direção e corpo docente, do projeto escolar para a escuta, acolher seus medos e inseguranças, e também expectativas. Afinal a chegada da criança no ensino fundamental, não deveria ser marcada com o total rompimento da rotina da educação infantil, a escola poderia dentre outras ações proporcionar momentos lúdicos envolvendo o processo de alfabetização e aprendizados, para que assim, a criança não se sinta desmotivada e insegura ao ir para a escola e consiga aprender com êxito.

Outro ponto que deveria ser costumeiro entre as escolas refere-se ao diálogo entre elas, é esperado que a professora da educação infantil possa estabelecer contatos com a professora de ensino fundamental, promover momentos de interação das crianças ao visitarem a futura nova escola para que possam conhecer o novo contexto e se acostumar com a ideia de mudança.

Por outro lado, ao ler o texto “Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade”, um documento do Ministério da Educação (BRASIL, 2007) é possível notar a mudança do ensino fundamental que passa a ter nove anos, garantindo o ingresso das crianças aos seis anos no primeiro ano do ensino fundamental, não desconsidera as características da criança aos 6 anos no ensino fundamental. O documento coloca em destaque que a educação infantil não tem como propósito preparar as crianças para o ensino fundamental, e ao entrar no ensino fundamental é necessário que essas crianças passem a ter uma proposta curricular que atenda a suas características, potencialidades e necessidades específicas.

Ainda no texto é citado o brincar dentro do currículo básico de ensino e o texto o coloca com as seguintes palavras

> “O brincar como um modo de ser e estar no mundo; o brincar como uma das propriedades de estudos nos espaços de debates pedagógicos; nos programas de formação continuada; nos tempos de planejamento; o brincar como uma expressão legítima e única da infância; o lúdico como um dos princípios para a prática pedagógica; a brincadeira nos tempos e espaços da escola e das salas de aula; a brincadeira como possibilidade para conhecer mais as crianças e às infância que constituem os anos/séries iniciais do ensino fundamental de nove anos“ (BRASIL, 2007).

Ou seja, o documento coloca em pauta a infância e a importância do brincar para crianças do ensino fundamental, indicando que a escola precisa ser lúdica, não apenas um espaço tedioso em que todos se sentam enfileirados e ficam entre quatro a cinco horas ouvindo um professor falar na frente do quadro.

Assim considerando ainda, a lei de nº 11.274(2006) que instituiu o Ensino Fundamental de nove anos, ampliando a duração da vida escolar das crianças, que tem total embasamento e envolvimento na vida infantil, já que ela influencia diretamente no desenvolvimento e no ingresso das crianças “mais cedo” na escola.

E com isso, voltando-se à perspectiva Histórico-cultural de Vygotsky sobre os efeitos que o meio social tem para o desenvolvimento psicológico, principalmente o que acontece durante o processo de transição da criança de sua fase pré-escolar, para uma nova escola, onde pouco conhece, mas no entanto, talvez já tenha suas próprias expectativas, este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta um estudo sobre a transição dos alunos da educação infantil para o ensino fundamental tendo como fundamentação a teoria histórico-cultural, especialmente nos trabalhos de Vygotsky.

O presente trabalho tem por objetivo trazer a visão do professor diante dessa transição, saber quais são suas expectativas e o que espera dos alunos egressos da educação infantil, identificar se o professor entende o direito à infância de cada criança e como tal compreensão influência no planejamento de sua prática pedagógica ao receber esses alunos no primeiro ano do ensino fundamental. Desta forma, o problema de pesquisa proposto é: as expectativas dos professores diante das crianças durante o processo de transição da educação infantil para o ensino

fundamental, respeitam suas especificidades e singularidades? Em que medida se aproximam das expectativas das crianças?

Na busca de resposta a esta problematização tem se como objetivo geral explorar as diferentes visões de professores da rede pública na cidade de Indaiatuba sobre este importante momento de transição na escolaridade da criança e o papel pedagógico neste processo, ou seja, explorar como é a visão do professor do ensino fundamental ao acolher as crianças da educação infantil. Os objetivos específicos ficaram assim definidos: discutir a transição da criança educação infantil para o ensino fundamental, especificidades do desenvolvimento da criança, aspectos curriculares, pedagógicos na perspectiva histórico cultural; explorar a visão e expectativas do professor de ensino fundamental sobre o processo de transição da criança da educação infantil para novo nível de ensino; fazer uma análise buscando aproximações ou distanciamento entre expectativas da criança na pré escola e a do professor que as acolhe no ensino fundamental

A metodologia proposta para o desenvolvimento deste estudo é de caráter qualitativa, trata-se de uma pesquisa fundamentada na teoria Histórico-cultural, focando no olhar do professor diante de crianças que estão ingressando no ensino fundamental. Os dados foram colhidos a partir de entrevistas realizadas com professoras do primeiro ano de escolas públicas para entender suas expectativas em relação aos alunos que chegam da educação infantil. Para além da pesquisa de campo, inicialmente foram utilizadas como fontes de informações a plataforma de periódicos CAPES, para identificar as pesquisas publicadas nos últimos cinco anos, também incluindo os desenvolvidos na Iniciação Científica sobre a temática: A um passo do Ensino Fundamental: explorações das memórias de crianças sobre suas experiências na Educação Infantil.

O estudo está estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo a pesquisa é voltada a fundamentação teórica, a documentos e teorias de estudiosos. No segundo é colocado em destaque qual tipo de pesquisa e como ela foi pensada; no terceiro é colocado o resultado das análises dos dados coletados com a pesquisa, quarto é as discussões a partir dos resultados obtidos e por fim as considerações finais.

CAPÍTULO I - A TRANSIÇÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

O presente capítulo tem por objetivo trazer fundamentos teóricos que abordam a educação infantil, ensino fundamental e o processo de transição escolar. Colocando em subtópicos a escolarização de crianças, conceito de infância, documentos norteadores e leis que preveem essa transição, a teoria histórico cultural, práticas pedagógicas e as desigualdades sociais.

O conceito de creche e de educação infantil sempre foi vistos como assistencialistas, ao articular com o artigo " Transição creche- pré -escola- ensino fundamental: desafios ao processo de integração." de Coelho e Pinazza (2011) é notório essa visão:

> "Desde o período colonial as políticas de assistência social à pequena infância assumiram um caráter filantrópico, médico, higiênico e religioso" (COELHO; PINAZZA, 2011 *apud* KISHIMOTO, 2001, p. 9).

Isto significa que a educação infantil não era pensada como base importante para a infância, isto prova que o conceito de infância e o processo de marcos importantes na infância se deram recentemente, então antes não era pensada essa transição, hoje a transição é pensada, porém não é efetiva em todos os âmbitos, é um processo que está sendo estudado e melhorado aos poucos, entretanto, já tem avançado de forma abundante.

É Rui Barbosa que avança com os estudos sobre os documentos acerca da infância, ele é quem propõe uma reforma nacional para tal, apresentado em 1883, depois com o Manifesto dos pioneiros em 1932, surge a Escola Nova, com o intuito de proporcionar uma educação integral a todos, desde infância até universitário.

Com isso, aos poucos foram surgindo leis como a LDB (9394/96), dentre outros documentos que na teoria asseguram o processo de transição, para que essa fase não tenha rupturas bruscas para as crianças.

A curiosidade da temática deste trabalho de conclusão de curso se deu através de uma pesquisa de iniciação científica, neste processo foi trabalhado as memórias das crianças no processo de transição escolar, sendo intitulado o seguinte trabalho "A um passo do ensino fundamental: explorações das memórias de

crianças sobre suas experiências na educação infantil a partir do uso de jogos de regras.” (OLIVEIRA; ROCHA, 2022).

Nesta pesquisa foi possível encontrar as memórias e como as crianças imaginam que vai ser a nova escola de ensino fundamental, foi notado uma frequência em respostas de que as crianças esperam que tenha tanque de areia, parquinho e amigos, ou seja, essas foram as expectativas das crianças com a nova escola, mas será que estão alinhadas com as dos professores que irão recepcioná-los? Este estudo busca resposta também para esta questão e nos capítulos I, II e III, essa temática é tratada para perceber em que ponto as expectativas das crianças se alinham com as dos documentos previstos e com as dos professores.

1.1 Escolarização da criança de cinco e seis anos

Ao ler o artigo “Infância e Escolarização: a inserção das crianças no ensino fundamental” de Neves et al. (2017) foi possível analisar um pouco mais a fundo essa fase da criança, o artigo trouxe fundamentos em pauta de suma importância. O primeiro ponto é a cultura escolar, e ela é entendida a partir das interações que se estabelecem no interior da escola, entre os alunos, entre os professores e entre os alunos e os professores.

As formas de participação e o processo de tornar-se membro de um determinado grupo, sendo elas as culturas de seus pares, podendo relacionar-se com a cultura escolar e com o sistema educacional, que igualmente se faz presente no interior das escolas, contribuindo para que algumas interações ocorram ou não.

Portanto, a cultura escolar pode influenciar a construção da cultura de pares entre as crianças por meio das interações que ocorrem no ambiente escolar. Ressaltando que a cultura escolar é constante e pode transformar, é feita por embates e contradições, sendo eles as diferenças e igualdades existentes no espaço de socialização escolar.

O estudo coloca em destaque alguns aspectos essenciais que diz um pouco da criança que está sendo inserida no ensino fundamental, sendo ela: rotina diária no quadro (Essa rotina ao ser inserida diariamente no quadro torna-se visível para os alunos os objetivos da professora com eles para aquele dia), a preocupação com o bem-estar (entra na questão da professora conhecer seus alunos, e que os alunos

conheçam a escola também, para que aos poucos sejam inseridos ao novo espaço e algumas regras sejam criadas para o convívio coletivo), cuidado com os artefatos escolares, o tom de voz da professora, a roda de conversa e a prática de uma criança ajudar a outra, ou seja, isso tudo faz parte da cultura e do meio em que cada criança está inserida, portanto, essa rotina diariamente e a preocupação da professora pode ser importante para a inserção das crianças no ensino fundamental, pois assim, ajuda a estabelecer uma estrutura e um senso de ambiente escolar, podendo assim, influenciar positivamente a escolarização dessas crianças.

Foi utilizado como outra fonte de estudo o seguinte artigo: “ Afeto e autoestima nas relações interativas em início de escolarização” de Miranda (2008), esse artigo trás a tona o afeto e a autoestima, como os dois são pontos essenciais para o processo de escolarização, desde a educação infantil até mesmo a uma banca de pós graduação.

Há um trecho retirado do texto que diz:

> “Sem afeto não haveria interesse, necessidade ou motivação. Consequentemente, perguntas nunca seriam feitas e problemas nunca seriam investigados.”(MIRANDA, 2008, p. 301).

A afetividade precisa estar presente no processo de escolarização, assim a criança se sente mais segura, se sente acolhida.

A afetividade no processo de escolarização é necessária, pois assim, a criança aprende a se comunicar como um ser social, e com a comunicação as crianças passam a expressar seus sentimentos e emoções, podendo entender seus próprios sentimentos e dos outros também, em consequência, ganham estímulo nas habilidades psicossociais, cognitivas, afetivas, criativas e psicomotoras. Essas habilidades estão descritas dentro da perspectiva histórico-cultural de Vygotsky, o autor no qual esse trabalho se fundamenta.

Ao ler o artigo utilizado na iniciação científica “Contribuição ao debate sobre o problema da preparação para a escola de ensino fundamental na educação infantil” de Smolka et al. (2021). Foi concebível caminhar pela história da educação infantil e ensino fundamental no Brasil, em meados dos anos setenta, a educação infantil é formada por um ensino compensatório e preparatório, ou seja, formava crianças para o ensino fundamental (por isso dado o nome pré-escola), com a justificativa de

que só assim iriam prevenir o fracasso escolar, a educação infantil passou a ser rígida e com imposição de atividades sem sentido para as crianças, de forma mecânica e artificial. Enfim, a partir dos anos 1990 que educação infantil e ensino fundamental passam a ser objeto de estudo dos pesquisadores, e começa-se a entender a educação infantil como direito a ser criança, valorizando as experiências infantis, e o ensino fundamental deve ser tratado com respeito e afeto. Ou seja, nem sempre na história da transição escolar, a educação infantil e ensino fundamental foi tratada com respeito e atenção que merece, nos dias atuais, reconhece-se essa importância, mas ainda falta muito para chegar ao respeito máximo e digno.

As especificidades e singularidades das crianças de cinco e seis anos, segundo um documento da prefeitura municipal de Lucas do Rio Verde em novembro de 2020, que são trabalhadas com a teoria Histórico-cultural, e com esse processo de escolarização, diz o seguinte:

> "O Ensino Aprendizagem ocorre de forma contínua e permanente, onde diferentes conhecimentos são construídos ao longo da história, e por meio de um processo de observação, estudo, vivências e experiências são sistematizadas, adaptados, respeitando a singularidade de cada criança para promoção de sua adaptação no ambiente escolar de forma tranquila sem prejuízos à aprendizagem" (PREFEITURA DE LUCAS RIO VERDE, 2020, p. 4).

O documento cita a singularidade da criança que deve ser respeitada, promovendo uma adaptação ao meio escolar que não prejudique a aprendizagem da criança, quando se fala em singularidade da criança é importante ressaltar que cada criança tem seu jeito e sua história, a adaptação precisa ser feita com base no indivíduo, superando o coletivo. Conhecer cada criança, do que gosta etc.

Enfim, se todo professor seguir a escolarização das crianças de cinco e seis anos de forma respeitosa e singular, as crianças terão um processo de transição escolar tranquilo, diminuindo a angústia e ansiedade na infância.

1.1.1 Conceito de criança e infância segundo os documentos norteadores

Introduzi esta seção a partir do texto "Ressignificando os conceitos de criança e infância", de Souza (2017), que a partir de Gagnebin (1997) indicam que é possível passear pela história da infância. Segundo o autor a noção como uma

idade profundamente diferente a ser respeitada na sua diferença é relativamente nova" (GAGNEBIN, 1997).

Ou seja, nem sempre a ideia de infância foi valorizada, pois ao estudar a infância e seus conceitos é notável que a valorização da mesma surgiu recentemente, já que nem a ideia de vida tinha um significado especial como tem hoje em dia, as autoras do artigo Herran (2017) colocam que: "Durante a Idade Média, as pessoas não sabiam sua data de nascimento e as fases que atualmente separam nossa vida em infância, adolescência, puerilidade, etc. eram termos eruditos de tratados pseudocientíficos. A idade não fazia parte da identidade medieval" (HERRAN, 2017).

No mundo sempre existiu criança, mas nunca foram tratadas como crianças, e quando começa a surgir a ideia de criança, a sociedade as descreve como adultos pequenos, depois de muito tempo que surge a ideia de criança e seus direitos, sua infância e os documentos norteadores para assegurar os direitos.

Ao ler o artigo: "Documentos oficiais, pesquisas acadêmicas e práticas pedagógicas na construção da transição entre Educação Infantil e Ensino Fundamental" (GONÇALVES; ROCHA, 2021).

As pesquisas foram feitas a partir dos documentos, RCNEI, ECA, Constituição Federal de 1988, COEDI, MEC, LDB/96, etc. Porém coloco em destaque a BNCC e o RCNEI. O RCNEI, dá parâmetros a serem trabalhados na educação infantil, focando na socialização, ele coloca que essa transição pode causar ansiedade, e a professora precisa conhecer cada aluno, suas famílias e adaptação de cada criança.

Já a BNCC trás eixos que asseguram os direitos das crianças, ela cita a transição e coloca três pontos importantes: Acolhimento, atenção e respeito. Durante essa fase é importante respeitar o meio social de cada criança.

Ao finalizar a leitura do artigo é possível perceber que existem orientações fundamentadas que asseguram essa transição e a infância, mas ainda falta diálogo e planejamento entre as instituições.

Enfim, ao ler os artigos que falam de infância e os documentos norteadores, é possível perceber que todas as leis que asseguram a infância e a transição escolar são recentes, e é necessário que cada profissional da educação se aproprie delas, entendendo-as e se for o caso, ajudem a reformulá-las.

Ao analisar o conceito de criança e seu contexto social, a BNCC ressalta que:

> "Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação. Nessa direção, e para potencializar as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças, a prática do diálogo e o compartilhamento de responsabilidades entre a instituição de Educação Infantil e a família são essenciais. Além disso, a instituição precisa conhecer e trabalhar com as culturas plurais, dialogando com a riqueza/diversidade cultural das famílias e da comunidade." (BRASIL, BNCC, 2018, p. 36)

Ao analisar o conceito de criança e seu contexto social, o RCNEI ressalta que:

> "A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais 3" (BRASIL, RCNEI,1998, p. 21).

Ainda no RCNEI, ressalta o desafio de conhecer cada crianças, suas singularidades e especificidades:

> "Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais. Embora os conhecimentos derivados da psicologia, antropologia, sociologia, medicina etc. possam ser de grande valia para desvelar o universo infantil apontando algumas características comuns de ser das crianças, elas permanecem únicas em suas individualidades e diferenças" (BRASIL, RCNEI, 1998, p. 22).

Ao analisar os documentos, foi possível notar que eles têm em comum o processo de transição escolar, eles citam a socialização das crianças, colocam a questão das especificidades e singularidades de cada criança.

1.1.2 O projeto de transição escolar e a desigualdade social, quais impactos as diferenças sociais na escolarização da criança na primeira infância

Ao analisar os documentos norteadores e os projetos escolares é possível notar projetos que respeitam e valorizam a infância, mas tudo isso na teoria, pois na prática o Brasil é um país que vive a desigualdade social, existem crianças que passam fome e que precisam trabalhar desde pequenos, e a lei não está prevendo essa realidade social da maioria, que neste caso, é vista como minoria.

A lei de número 11.274 (2006) institui o ensino fundamental de nove anos, com a intenção de diminuir a ruptura na qualidade de ensino e na trajetória da primeira infância. Mas o que não foi previsto foram as diferentes realidades, a escola ainda tem muitas questões para repensar, questões regionais e sociais.

A obrigatoriedade da educação infantil dá a sensação de que todas as crianças estão inseridas num meio educacional, porém ainda assim, há muita evasão, muitas crianças ainda não frequentam creches por causa da desigualdade social.

Encontra-se uma problemática municipal, muitos municípios não encontram recursos para um ensino de qualidade, os prédios são emprestados, professores que não são habilitados, problemas políticos e administrativos.

E ao colocar a obrigatoriedade de frequência na educação infantil dá-se a entender que a educação básica começa ali, trazendo a problema da transição, não respeitando os sentimentos e a infância da criança.

E essa desigualdade é fruto de uma sociedade que distribui de forma desigual a renda e o poder, segundo o texto “A infância na escola e na vida: uma relação fundamental” de Nascimento, 2007, é possível entender isso um pouco mais:

> “A história da criança brasileira não foi diferente da dos adultos, tendo sido feita à sua sombra. Sombra de uma sociedade que viveu quase quatro séculos de escravidão, tendo a divisão entre senhores e escravos como determinante da sua estrutura social” (NASCIMENTO, 2007 *apud* PRIORI, 2000, p. 27).

Ou seja, ao analisar essa citação é possível ver que nem todas as crianças tiveram a mesma oportunidade, a fase de infância valorizada e tratada com respeito,

pois algumas crianças vivem realidade diferente, o que novamente, pode se ter uma educação diferente, podendo afetar o direito da infância e transição.

1.1.3 Vygotsky e a teoria Histórico-cultural

Vygotsky foi um psicólogo russo que viveu 1896-1934 e durante seus anos de vida trabalhou diante da perspectiva da teoria Histórico-Cultural, que é uma aprendizagem social, ou seja, é através das interações sociais que o ser humano desenvolve suas funções psicológicas. Por fim, é diante da cultura de cada indivíduo que as pessoas desenvolvem suas funções cognitivas.

Ao ler o artigo “Saber docente sobre a teoria histórico-cultural” de Ferreira; Cordeiro & Ferreira (2020) foi possível entender mais a fundo a teoria histórico - cultural e como ela se aplica no dia a dia, entendendo o saber docente diante dela, se os professores a conhecem ou não.

O artigo coloca que a teoria histórico-cultural é considerada uma teoria sociointeracionista porque o desenvolvimento humano ocorre com as trocas sociais, nessa teoria o professor tem papel de mediador entre o conhecimento e o aluno.

A teoria não vem para solucionar os problemas da educação, mas sim, para gerar reflexões aos docentes, nesta teoria, a criança não é uma folha em branco, ela possui bagagens de sua cultura, ela acumula saberes das pessoas que estavam à sua volta antes dela ir a escola.

Dentro da teoria histórico-cultural, entre os conceitos de Vygotsky, e um deles é a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), e referente a esse conceito o Vygotsky diz:

> “A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas estão presentemente em estado embrionário” (MARINHO et al., 2020 *apud* VYGOTSKY, 1991 p. 58).

Ou seja, é aí que o professor entra como mediador, com base naquilo que a criança já sabe e naquilo que ela precisa de mediação para aprofundar seus conhecimentos.

Por fim, a teoria histórico-cultural tem embasamentos em conceitos de Vygotsky que contribuem até nos dias atuais para uma pedagogia que não siga

padrões tradicionais da sala de aula, podendo aplicar práticas pedagógicas inovadoras, podendo entender e aprofundar no subtópico seguinte.

1.2 Prática pedagógica e o projeto de transição escolar da criança de 6 anos

As práticas pedagógicas são as estratégias nas quais os professores utilizam para o aprendizado dos seus alunos, podendo ser elas: a seleção de material didático, criação de atividades e até mesmo os instrumentos de avaliação.

Já a transição escolar é aquela fase em que a criança sai da educação infantil e vai para o ensino fundamental, fase de medos e inseguranças, e as crianças estão passando por essa transição cada vez mais cedo.

Ao ler o artigo “Conceitos centrais da teoria de Vygotsky e a prática pedagógica” de Miranda (2005) é notável que para Vygotsky e sua importante teria têm conceitos centrais, como ZDP (zona de desenvolvimento próximo, ou seja, isso quer dizer que duas crianças não aprendem da mesma forma, isso depende da história prévia de cada uma.

O adulto tem papel de mediador da criança, mas o adulto (professor), precisa conhecer cada aluno, entender o desenvolvimento individual deles e entender suas necessidades e experiências prévias.

A prática pedagógica é importante para que o profissional tenha um norte em como seguir com cada aluno, e as práticas precisam ser aquelas que faça a criança desenvolver a criatividade e o senso crítico, e não aquelas práticas que são vistas em algumas salas de aula, no caso, a memorização, a memorização faz com que a criança não aprenda de fato, porém mesmo assim, ainda existem professores que resistem e que adotam essa prática pedagógica.

1.2.1 A transição escolar da Educação infantil para o ensino fundamental na perspectiva dos documentos orientadores e das DCNEI

Ao ler o artigo “ Documentos oficiais, pesquisas acadêmicas e práticas pedagógicas na construção da transição entre Educação Infantil e Ensino Fundamental.” de Gonçalves e Rocha (2021) foi possível entender um pouco do caminho dos documentos e diretrizes norteadoras. O artigo coloca em pauta que muitas das vezes os documentos não levam em consideração resultados de

pesquisas científicas ao elaborar os documentos norteadores. O RCNEI (1998) indica parâmetros para o trabalho pedagógico cotidiano a ser realizado na Educação Infantil, e principalmente na socialização. Ele ressalta que a professora conhece a identidade de cada aluno, as famílias e a adaptação das crianças ao espaço. Ainda dentro desse parâmetro, para o RCNEI, a passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental pode causar ansiedade e estranhamento. E é sugerido para que isso diminua é promover eventos e entrevistas com as famílias.

O RCNEI tem um destaque que é “Passagem para a escola”, não disserta claramente sobre a transição, mas dá a entender que é sobre ela que descreve. O parágrafo ressalta que:

> “[...] A passagem da educação infantil para o ensino fundamental representa um marco significativo para a criança, podendo criar ansiedades e inseguranças. O professor de educação infantil deve considerar esse fato desde o início do ano, estando disponível e atento para as questões e atitudes que as crianças possam manifestar. Tais preocupações podem ser aproveitadas para a realização de projetos que envolvam visitas a escolas de ensino fundamental; entrevistas com professores e alunos; programar um dia de permanência em uma classe de primeira série. É interessante fazer um ritual de despedida, marcando para as crianças este momento de passagem com um evento significativo. Essas ações ajudam a desenvolver uma disposição positiva frente às futuras mudanças demonstrando que, apesar das perdas, há também crescimento.” (BRASIL, RCNEI, 1998, p. 84)

A BNCC traz eixos que devem ser assegurados, como os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, sendo eles: brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. A BNCC cita a transição e coloca três pontos importantes: atenção, respeito e acolhimento. Sendo citados da seguinte maneira:

> “A transição entre essas duas etapas da Educação Básica requer muita atenção, para que haja equilíbrio entre as mudanças introduzidas, garantindo **integração e continuidade dos processos de aprendizagens das crianças**, respeitando suas singularidades e as diferentes relações que elas estabelecem com os conhecimentos, assim como a natureza das mediações de cada etapa. Torna-se necessário estabelecer estratégias de acolhimento e adaptação tanto para as crianças quanto para os docentes, de modo que a nova etapa se construa com base no que a criança sabe e é capaz de fazer, em uma perspectiva de continuidade de seu percurso educativo.” (BRASIL, BNCC, 2017, p. 53).

As DCNEI ressaltam o processo de transição também:

> “Na transição para o Ensino Fundamental a proposta pedagógica deve prever formas para garantir a continuidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, respeitando as especificidades etárias, sem antecipação de conteúdos que serão trabalhados no Ensino Fundamental.” (BRASIL, DCNEI, 2009, p. 30).

Por fim, ao analisar as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, é colocada a transição de forma breve, mas ela é citada e ressaltada para ser trabalhada nos anos finais da educação infantil.

2 A PESQUISA

Este presente capítulo tem como princípio abordar o tipo de pesquisa, sendo apresentado quais os caminhos teóricos-metodológicos que foram seguidos durante a pesquisa. Para tal, o capítulo será estruturado em cinco seções: A pesquisa; na segunda seção será descrito os tipos de pesquisa e método que poderá ser utilizado; na terceira seção será abordado o contexto e quem irão ser os participantes; na quarta seção as técnicas e procedimentos; por fim, na quinta seção os procedimentos para análise dos resultados.

2.1 A Pesquisa

A pesquisa a seguir tem como objetivo investigar as diferentes opiniões dos professores, e quais são as suas expectativas ao receberem as crianças que saem da educação infantil, ingressando no primeiro ano do ensino fundamental, para isso, através de entrevistas com os profissionais foi feita uma análise das situações vivenciadas por esses professores, quais as suas situações e realidades em sala de aula e investigando se as expectativas dos professores estão iguais as das crianças que estão em fase de transição. Por isso, foi realizada uma pesquisa de campo, qualitativa e exploratória, descritiva.

“Segundo Cruz de Neto (2002) no capítulo III “O trabalho de campo como descoberta e criação”, ele ressalta que “ O trabalho de campo, em síntese, é fruto de um momento relacional e prático: as inquietações que nos levam ao desenvolvimento de uma pesquisa nascem do universo do cotidiano. O que atrai na produção do conhecimento é a existência do desconhecido, é o sentido da novidade e o confronto com o que nos é estranho. Essa produção, por sua vez, requer sucessivas aproximações em direção ao que se quer conhecer. E o pesquisador, ao se empenhar em gerar conhecimentos, não pode reduzir a pesquisa a denúncia, nem substituir os grupos estudados em suas tarefas político-sociais.”

A pesquisa de campo, por meio das vivências, proporciona momentos de prática e de desenvolvimento do senso crítico, esse tipo de pesquisa contribui muito para o meio acadêmico quando é feita de forma ética e respeitosa, ela contribui com

os meios teóricos estudados, pois assim, pode-se fazer a análise do teórico para o prático.

2.2 Tipos de pesquisa e método

A pesquisa a seguir tem como objetivo investigar as diferentes opiniões dos professores, sendo assim, a pesquisa será qualitativa, pois esse tipo de pesquisa se preocupa com a realidade, sem se importar necessariamente com dados e números obtidos, mas sim, ela trabalha com significados, opiniões, valores e atitudes. Ou seja, está diretamente relacionada a relações humanas, e o campo da educação trabalha as relações humanas o tempo todo, já que os profissionais da educação lidam com pessoas e não com máquinas.

Outro ponto relevante da pesquisa qualitativa é que para Vygotsky ela é a que contribui para pesquisas no campo educacional. Segundo o artigo “contribuições teóricas e conceituais de Vigotski para a pesquisa qualitativa em educação”, (SMOLKA et al., 2021) :

> “O estudo do desenvolvimento de crianças com diferentes deficiências o levou a se opor fortemente a abordagens quantitativas e a defender a necessidade de considerar a qualidade, a diversidade e a singularidade dos processos de desenvolvimento. Assim, defendeu um estudo profundo e abrangente dessa diversidade é uma abordagem atenta e cuidadosa dos períodos e transformações do desenvolvimento” (SMOLKA et al., 2021 *apud* VIGOTSKI, 1997, p. 1372).

Com isso, a pesquisa qualitativa, busca a essência do fenômeno pesquisado, podendo aprofundar e entender a prática do que se pesquisa, a qualidade da pesquisa é relevante e os resultados são mais assertivos.

2.3 Contexto e participantes

Esse estudo possui características qualitativas e exploratórias, por esse motivo, tem como método a coleta de dados utilizando de entrevistas informais, que se justifica pelo fato dos professores participantes ficarem mais à vontade e falarem o que realmente sentem e o que fazem na sala de aula, sem fazer com que eles se sintam intimidados, a entrevista aconteceu com professores que trabalham em

escolas da rede pública municipal da cidade de Indaiatuba, os sujeitos que foram entrevistados foram os professores do primeiro ano do ensino fundamental. Os professores foram escolhidos porque na pesquisa desenvolvida iniciação científica priorizou-se as crianças que falaram das suas expectativas, seus medos, anseios etc, agora é interessante ver o outro lado, quais as expectativas desses professores ? Eles sabem das expectativas dos seus alunos? Quais as preocupações desses profissionais?

Enfim, foram entrevistadas cinco professoras, tendo uma representatividade de professoras com diferentes tipos de formação (graduação em pedagogia ou magistério), diferentes tempos de carreira, assim obtive diferentes visões e expectativas. Portanto, esse método permite analisar de forma individual a percepção docente e entender o meio social de cada um, sem generalizar as respostas.

Na sequência o quadro 01 mostra quem são essas professoras entrevistadas, importante ressaltar que os nomes dados a elas são fictícios, nomes que elas mesmas escolheram, o quadro apresenta-se o nome fictício, formação e tempo de atuação na área educacional.

Quadro 1. Formação acadêmica das profissionais

Nomes fictícios:	Formação acadêmica:	Tempo de atuação:
Neusa	Graduação: Administração e pedagogia; Pós Graduação: Psicopedagogia e Psicanálise.	Educação básica da prefeitura de Indaiatuba: 2 anos.
Gerusa	Graduação: Magistério e depois pedagogia.	Educação básica da prefeitura de Indaiatuba: atuou 27 anos.
Lita	Graduação: Pedagogia.	Educação básica da prefeitura de Indaiatuba: 8 anos.
Mariana	Graduação: Magistério e fez especialização.	Educação básica da prefeitura de Indaiatuba: 19 anos.

Vera	Graduação: Magistério e depois pedagogia. Especialização: Alfabetização.	Educação básica da prefeitura de Indaiatuba: 24 anos.

Fonte: Elaboração própria (2023).

2.4 Técnicas e procedimentos para coleta de dados

De modo geral, o principal objetivo desta pesquisa é analisar as expectativas profissionais do docente em relação às práticas e problematizar a possível reorientação para uma prática melhorada se necessário, colocando em análise junto às respostas das crianças que participaram do jogo na iniciação científica.

Assim, as entrevistas realizadas tiveram as seguintes perguntas como roteiro:

1- Qual sua formação e quanto tempo atua na área educacional ? O que te motivou a escolher a pedagogia/educação ? O que te mantém na educação ? E quais as dificuldades você encontra nesta área ? Sempre atuou com o primeiro ano ou não ?

2- O que você considera importante garantir para os alunos no processo de transição da pré-escola para o primeiro ano? Como a escola e você professora organizam a acolhida desses novos alunos e família?

3- Que dinâmicas pedagógicas você considera serem relevantes para garantir um processo de transição positiva para aprendizagem dos alunos? (organização tempo, tipos de atividades, mediação do professor, a relação afetiva; regras …)

4- É conhecido que o meio social e as questões sócio afetivas que envolvem os alunos são relevantes para um bom resultado no processo de alfabetização. Considerando isso, como você vê a relação da escola com a família neste processo? Você acredita que há diferença nesta relação quando o aluno frequenta a EI e na transição no EF?

5- Você recebe relatórios sobre o desenvolvimento dos alunos da educação infantil? Como as informações previstas nos relatórios auxiliam na organização do processo de transição dos alunos e na sua dinâmica pedagógica de alfabetização?

6- Você pode citar algumas condições pedagógicas importantes na sua prática que possam garantir um processo de transição dos alunos de forma positiva para

continuidade do seu desenvolvimento e aprendizagem? (as especificidades e singularidades)

7- Ao receber a criança da educação infantil no início do ano letivo, quais são as suas expectativas? O que espera que a criança tenha vivenciado na pré-escola para a continuidade do seu processo de aprendizagem no primeiro ano do ensino fundamental ?

8- Na sua opinião o processo de transição organizado e desenvolvido pela instituição escolar tem sido efetiva para garantir a especificidade e singularidade dos alunos ingressantes no ensino fundamental? Por quê? De que forma?

2.5 Procedimentos para análise dos resultados

A metodologia utilizada, partiu da transcrição das respostas obtidas nas entrevistas, que foram gravadas com a permissão das professoras participantes, para na sequência analisar as diversas questões e o cotidiano escolar, analisar e refletir diante da percepção dos docentes em seus contextos reais, em que estão inseridos com seus alunos.

Para a interpretação das respostas produzidas nas entrevistas, utilizou da análise de conteúdos, considerando as falas dos docentes que estão inseridos em diferentes escolas da rede municipal de Indaiatuba, de diferentes condições sociais e formação universitária, assim como os anos de carreira diferentes, buscando aproximação do conteúdo das falas docentes referentes ao desenvolvimento infantil na perspectiva Vigotskiana

Por fim, após a coleta de dados da entrevista, foi possível analisar as respostas de forma singular, entendendo a realidade de cada docente, mas podendo identificar tendências que poderão se revelar como destaque. Na sequência apresentamos as docentes participantes com nome fictício, para preservar sua identidade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente capítulo visa descrever os resultados obtidos na pesquisa de campo que foi realizada através da entrevista semi estruturada com 5 professoras da rede pública de Indaiatuba. As profissionais respondem perguntas previstas pelo roteiro preparado para a realização da entrevista, em que a pergunta chave consistiu em conhecer sobre o que pensavam os docentes “Ao receber a criança da educação infantil no início do ano letivo, quais as expectativas, em particular a sua expectativa enquanto professora, e o que espera que a criança tenha vivenciado na pré-escola para a continuidade do seu processo de aprendizagem no primeiro ano do ensino fundamental”. Destacamos os seguintes eixos de análise: Processo de transição e a relação familiar (contando com seguinte subeixo: Relação família e escola com o meio social e as questões afetivas.); Práticas pedagógicas que ajudam no processo de transição, trabalhando as especificidades e singularidades de cada criança, com o seguinte subeixo: relatórios e a sua utilidade para as professoras do ensino fundamental (contando), e o último eixo que é: as expectativas dos professores ao receber as crianças no primeiro ano, como fazem para garantir as especificidades e singularidades de cada criança.

3.1 Caracterização das docentes participantes

A pesquisa foi realizada com cinco professoras que já atuaram ou ainda atuam com o primeiro ano do ensino fundamental, são professoras da rede pública de Indaiatuba.

Para dar início às entrevistas, a primeira pergunta foi voltada para colher informações pessoais das professoras participantes, como a formação, seus desafios e o que as mantém na educação.

A primeira entrevistada foi da professora Neusa (nome fictício), que relata, que a sua primeira formação foi em administração e técnica em gestão de pessoas e departamento pessoal, depois, cansada dessa área, cursou pedagogia, fez na última turma semipresencial de uma determinada faculdade da região metropolitana de Campinas, formada desde 2016. O seu primeiro emprego na área foi no Educandário (instituição de Indaiatuba, Ong que oferece cursos para jovem

aprendiz), ela era pedagoga do projeto, como ela tinha a experiência em empresa e a pedagogia, era a pessoa perfeita para o cargo. Porém, o projeto do Educandário também atendia adolescentes do CRAS (instituição pública com fins sociais também), lá ela atendeu um menino de 16 anos e ele era analfabeto, então ela resolveu prestar o concurso da rede pública de Indaiatuba, pois queria que as crianças saíssem do fundamental I realmente alfabetizadas. Passou no concurso, assumiu em 2022 uma turma de educação infantil, neste ano (2023), pediu remoção e virou professora substituta do ensino fundamental, reforço para crianças com dificuldade de aprendizagem do 1 ano ao 5 ano.

Fez pós-graduação em Psicopedagogia e Psicanálise.

Um desafio que ela encontrou na educação que a marcou foi de que uma criança que ela dá reforço o pai coloca a criança para trabalhar na roça, o que faz a criança chegar na escola cansada e desanimada para a aula, com as mãos calejadas, então o desafio da desigualdade social mexe com ela.

A segunda entrevistada foi a professora Gerusa, sua formação é em Pedagogia, fez o magistério primeiro, já é aposentada, atuou 27 anos na educação, sendo quatro anos como substituta e os demais em sala de aula. O que a motivou na educação foi o gostar de crianças, o gostar do movimento da sala de aula e da liberdade de expressão que existe na sala de aula.

A terceira entrevistada foi a professora Lita, que é formada em Pedagogia, ela atua na educação há 17 anos, entre secretaria escolar, monitora em creche que em Indaiatuba e como professora está há 8 anos, com turma de primeiro ano ela atuou durante os dois anos de pandemia.

Ela coloca como seus desafios o que as pessoas acreditam, que as professoras são apenas babás e que a profissão é fácil. O desafio dentro da escola foi a parte burocrática como: planejamento, planilha e relatório. Mas atualmente seu maior desafio é a família, o diálogo com a família das crianças.

A quarta entrevistada foi Mariana, formada no magistério em 1991, mas já dava aula na rede estadual desde 1989, a sua primeira turma foi uma sala de quarta série, fez especialização na Unicamp e se aposentou em 2019.

Ela comenta que o que a motivou a se manter na educação foi o poder em ajudar as pessoas, principalmente porque trabalhou com EJA também, então a história de seus alunos a inspirava todos os dias. E os seus desafios era lidar com a

questão financeira, pois atuou com turmas de primeiro ano que eram desmotivadas e que iam para escola apenas para comer.

A quinta e última entrevistada foi a Vera, fez magistério e mais tarde fez pedagogia, trabalha na área há 24 anos. Os seus desafios são as condições de trabalho do professor, a quantidade de alunos por sala, crianças com deficiência sem apoio. Finaliza colocando que atua do primeiro ao terceiro ano, se especializou em alfabetização.

Ao analisar o currículo de cada entrevistada é possível ver que a maioria delas fez magistério, mas em seguida, todas têm formação em pedagogia, apenas uma tem pós-graduação e apenas uma tem especialização, já quanto ao tempo de atuação, é variável, mas a que tem menor tempo é a professora Neusa com dois anos de atuação, iniciando ano passado, já as professoras Gerusa, Vera, Mariana e Lita, têm entre 17 a 27 anos de atuação na educação, importante ainda, ressaltar que a professora Lita tem apenas 8 anos como professora, mas já atuava na prefeitura como monitora e depois como secretária, totalizando 17 anos de experiência na educação.

Já a atuação de cada uma com o primeiro ano é variável, a professora Neusa faz um ano que trabalha com primeiro ano, já Gerusa atuou 10 anos com o primeiro ano, Lita atua a 2 anos com o primeiro ano, Mariana não especifica quanto tempo de atuação com o primeiro ano, mas sempre trabalhou com o primeiro ano, desde o início de sua carreira e por fim, Vera também não especifica, mas sempre atuou, e é especialista em Alfabetização, sempre atuou com turmas do primeiro ao terceiro anos.

Os desafios da professora Neusa com a educação referem-se à relação com o contexto familiar, as condições sociais que muita das vezes não favorece a família e a criança, como no exemplo dado por ela da criança que precisa trabalhar na roça. Já Gerusa não quis citar seus desafios, Lita coloca a parte burocrática como um desafio e os familiares das crianças que é difícil manter um diálogo, na mesma linha Mariana coloca o desafio com a questão de desigualdade social, a fome que as crianças sentiam, enquanto que Vera cita as condições precárias do trabalho do professor. Ou seja, dá para ver similaridades nos desafios, duas professoras citam o contexto familiar, outras duas citam a questão da desigualdade social, a fome , mas somente uma delas indica as condições de trabalho.

O que motiva a Neusa é poder ajudar as pessoas, já a Gerusa é o movimento da sala de aula, é o gostar de crianças, da liberdade de expressão, coisa que em outra área não teria. Lita diz que a motivação para escolher a pedagogia não teve, pois acredita que a pedagogia a escolheu, é muito feliz com sua profissão. Mariana coloca que o que a mantém na educação é poder ajudar as pessoas e Vera não cita nenhuma motivação quanto ao que a mantém na educação. É notório que os motivos são diversos, a resposta de duas professoras coincide quanto ao poder de ajudar pessoas.

Ao analisar a questão dos desafios citados, é importante ressaltar o que já foi citado no referencial teórico sobre a desigualdade social, algumas professoras citam a questão do trabalho de algumas crianças na fase em que deveriam apenas estudar e brincar, coisa que muitas vezes atrapalha o rendimento escolar dessas crianças, mas é compreensível a necessidade dessas crianças trabalharem para ajudarem seus familiares, as crianças e os familiares não tem culpa pela condição em que estão, são as políticas públicas que deveriam se atentar a isso.

Por fim, infelizmente, nem toda criança, nem todo professor e nem toda escola, tem uma realidade que qualifica o ensino, muitas crianças não têm acesso a direitos básicos por conta de sua realidade social, fica até difícil para o professor cobrar algumas coisas dessas crianças, quando sua realidade não é a mesma que a de outros colegas de sala.

3.2 O processo de transição e a relação familiar diante da visão dos professores alfabetizadores

Para compreender qual a visão do professor diante do processo de transição e a relação familiar, perguntou-se o que elas consideram importante garantir para os alunos no processo de transição da pré-escola para o primeiro, como as professoras e a escola organizam a acolhida das crianças e dos familiares, outra pergunta feita foi que dinâmicas pedagógicas as professoras consideram relevantes para garantir um processo de transição positiva para a aprendizagem das crianças.

Ao analisar as respostas obtidas diante do que as professoras consideram importante garantir para os alunos no processo de transição da pré-escola para o

ensino fundamental, todas as cinco professoras têm respostas semelhantes, colocando que é importante a adaptação, a carga afetiva e a recepção.

Colocamos como destaque a fala das professoras diante da afetividade:

Professora Neusa: Então, acho que a carga afetiva que a criança recebe na educação infantil, ela é muito importante para essa transição, né? Para ela não ter medo, né?

Professora Gerusa: Quanto aos pais é importantíssimo ter o vínculo, porque se eles se tornarem acessíveis a você, se eles gostarem de você. Tiver alguma similaridade com você, algum ponto que seja, lá na casa deles, eles vão falar bem do professor. Quando eles falam bem do professor, a criança ouve, a criança percebe que os pais estão acessíveis, então isso também abre um espaço onde você vai poder atingir a afetividade da criança, e fazer com que o seu trabalho flua melhor.

As duas professoras falam de afetividade só que de formas diferentes, uma coloca a afetividade do professor com aluno dentro do ambiente escolar, já a outra coloca a família, em a família citar o professor, e aí a criança o vê como referência e a carga afetiva que ele sente por aquele professor o ajuda no desenvolvimento com as atividades em sala de aula.

Retornando nos capítulos anteriores, é citado que a afetividade é importante estar presente no ambiente escolar, pois a criança se sente segura e acolhida no espaço novo. E essas professoras citam um pouco exatamente disso.

“Apontam que sem afetividade não haveria interesse, necessidade ou motivação, em consequência não teria perguntas e nem problemas”, conforme é tratado por Miranda (2008, p. 301) no referencial teórico.

Miranda (2008) retrata exatamente o que as professoras quiseram mostrar do cotidiano delas, sem a afetividade delas para com os alunos e com a família, as crianças não teriam tanto interesse em aprender e em consequência, desenvolverem.

A outra pergunta realizada foi diante das dinâmicas pedagógicas, o que elas consideram relevantes para um processo de transição positivo para garantir o aprendizado dos alunos.

As professoras respondem cada uma à sua maneira, porém duas delas têm respostas similares que é a afetividade novamente.

Professora Neusa: a carga afetiva, com certeza, a carga afetiva é muito importante. Eu até, o ano passado, fui convidada para alguns aniversários de aluno e tinha professor aqui e falava, que absurdo, você vai em festa de aluno e eu falava, gente, eu não estou professor, eu sou, né, independente de onde eu estiver, então se me convide. Daí eu vou mesmo. Era muito divertido e eu acabei criando um vínculo muito gostoso com a minha turma.

Professora Mariana: Uma relação de afetividade. Quando eu consigo desenvolver o lado afetivo da criança junto ao professor, junto às atividades, o prazer de realizar a dinâmica, de realizar as atividades é muito melhor. E a criança se dedica muito mais, é muito mais prazeroso para resolver.

Já na pergunta que entra como subeixo (relação família, escola e o meio social) é trabalhada a questão do meio social e as questões sócio afetivas para um bom processo de alfabetização.

Diante dessa questão trazemos duas respostas que são opostas, mas que são interessantes analisar:

Professora Lita: Frequentar a educação infantil é, na verdade, um preparo para o ensino fundamental e torna mais difícil, quer dizer, torna menos difícil essa transição do infantil para o fundamental. Muitas vezes eles já chegam assim com até silábico alfabético, alguns até alfabético, já chegam no fundamental até alfabético.

Professora Mariana: … A diferença, os alunos frequentam a educação infantil é grande. Criança que frequenta a educação infantil, ela passa a ter os conceitos básicos, passa a conviver em sociedade, socialização, né? Tem muita criança que tem dificuldade para se socializar e, a partir do momento que ela está interagindo com as crianças, com a escola, com o meio ambiente, com os estímulos educacionais que ela passa a ter, o desenvolvimento vai ser muito melhor… Uma criança que chega já conseguindo usar os lápis, usar o caderno, não precisa ser alfabetizada. Ela pode até ser pré-silábica, silábica com algum valor, mas ela precisa conhecer, ter o domínio e ter a autoestima dela fortalecida. O que eu posso não saber hoje, mas ela vai aprender. Então ela precisa ser trabalhada nisso na criança, a parte cognitiva e a parte emocional dela.

3.3 Os relatórios que os professores recebem da educação infantil e como trabalham especificidades e singularidades das crianças no ensino fundamental

Para compreender como funciona a questão de relatório nas escolas públicas de Indaiatuba perguntei às participantes se elas recebem esses relatórios, se sim, como as informações estão previstas nesse relatório, e se elas auxiliam no processo de transição desses alunos, nas dinâmicas pedagógicas do processo de alfabetização.

Todas as cinco professoras responderam que recebem relatórios sim, e a maioria delas consideram ele relevante para a continuidade de aprendizagem das crianças.

Coloco em destaque a resposta de duas professoras que chamaram atenção:

Professora Gerusa: É o relatório sempre teve, naquela época já teve, agora também tem. Mas eu procuro ter um pouco de dedo em relação aos relatórios, eu leio, vejo o que ele pode me proporcionar, no entanto, eu procuro conhecer a criança, avaliar a criança para eu formar os meus conceitos sobre aquela criança. Porque eu acho que o conceito educacional, e eu vou agora eu vou criar uma polêmica aqui ele vai muito do professor, ele vai muito da percepção do professor, e o professor é humano. De repente o que ele vê, eu posso não enxergar. Ou o que ele vê, eu posso achar que não tem nada a ver. De repente ele pode sentir que é um problema enorme… Então eu acho que o fator humano em um relatório é muito pesado. Então eu prefiro ler o relatório, observar tudo o que o professor pontuou, e em cima disso e das perspectivas diante daquilo que eu quero da criança uma nova avaliação. É demorado? É custodial? É, mas eu acho que eu tenho que ter claro dentro daquelas perspectivas que eu acho importante para começar a alinhar um trabalho perceber o que a criança tem de potencial para ser alcançado.

Professora Lita: Geralmente os alunos chegam no fundamental com relatórios e isso é de grande valia para termos uma prévia do aluno que iremos receber. Diferente das outras salas que de alguma forma já acompanhamos o desenvolvimento dos alunos na escola, seja no dia a dia, seja em conselhos, através do relatório também já é possível saber se o aluno possui um laudo ou está em investigação sobre necessidades especiais, por exemplo.

Ao analisar as duas respostas, foi possível notar que uma recebe o relatório, mas não “o leva ao pé da letra”, ela tira suas próprias conclusões, isso é de suma importância, já que como a professora mesmo disse, o relatório é feito por um ser humano e, muitas vezes, pode falhar.

Já a professora Lita, aparentemente parece levar o relatório como única verdade, já que disse que ele é uma prévia de como vai ser o aluno, coisa que pode ser arriscado, pois se a visão do antigo professor for equivoca, esse equívoco pode permanecer e atrapalhar o desenvolvimento estudantil da criança.

Por fim, o recebimento de relatórios é importante, pois muitas escolas não têm essa comunicação, mas em Indaiatuba na rede pública tem essa troca, porém , precisa ser uma troca minuciosa, o relatório ajuda no processo de transição para que o professor descubra algo que a criança gosta, caso seu processo de transição esteja um pouco mais sofrido, então se o professor sabe o que a criança gosta, ele tem um assunto para começar trabalhar suas inseguras e medos.

Já na pergunta que entra como subeixo (Práticas pedagógicas que ajudam no processo de transição, trabalhando as especificidades e singularidades de cada criança. É possível analisar como as professoras trabalham as singularidades e especificidades dos seus alunos diante dos relatórios que recebem.

As respostas das professoras não houve uma proximidade, cada uma foi por um ponto de vista. Porém, coloco em destaque a resposta da professora Neusa:

Professora Neusa: As atividades são conhecer cada aluno, os que têm dificuldades trabalhar em cima delas, as crianças que avançaram , precisa avançar e não manter o mesmo conteúdo, se não a criança perde o interesse.

Segundo o artigo lido de Miranda (2005), o professor tem papel de mediador, ele precisa conhecer cada aluno, entender o seu desenvolvimento, saber suas necessidades e experiências vividas. Basicamente tudo o que a professora Neusa fala, ela coloca que é preciso conhecer cada criança, trabalhar em cima do que a criança precisa, e ir avançando os conteúdos conforme suas especificidades e singularidades.

Por fim, as demais professoras colocaram que a sondagem é necessária, roda de conversa, grupos de estudos, reflexões e ensinar usar o caderno e as coisas do dia a dia, cuidar dessas coisas. Considera-se que tudo isso seja importante

mesmo, mas de forma inicial conhecer seu aluno é crucial, o primeiro ponto de todos.

3.4 Possíveis aproximações das expectativas de professores e das crianças ingressantes no ensino fundamental

Esse subtópico conta com os resultados da Iniciação científica intitulada:" A um passo do Ensino Fundamental: exploração das memórias de crianças sobre suas experiências na Educação Infantil a partir do uso de jogo de regras" de Oliveira; Rocha, 2022.

A pesquisa conta com um jogo de regras elaborado por pesquisadores do grupo de pesquisa (Formação e Trabalho Docente da PUCC), um jogo que faz perguntas voltadas a esse processo de transição escolar, perguntas como "Pedro não queria ir à nova escola, porque você acha que ele não queria ?" ou " O que você acha que deveria ter na escola em que você vai no próximo ano ?". Dentre outras perguntas, diante desse jogo realizado em uma escola de bairro periférico de Campinas, as crianças da rede pública responderam algumas coisas sobre o que esperam da escola nova, suas inseguranças e medos. Com os resultados das respostas das crianças, o presente TCC conta com as respostas das expectativas das professoras que recebem essas crianças, e analisa se as respostas das crianças estão de acordo com a das professoras.

Os resultados obtidos com as crianças foi de abordarem o espaço do brincar (tanque de areia e brincar com os amigos), foi o que mais falaram durante as partidas do jogo, citam o momento do descanso também, coisa que no ensino fundamental não tem mais, também abordam o sentimento pela escola do ensino fundamental, gostam muito, mas algumas crianças já reconhecem que estão crescendo e isso implica em mudança. Teve uma pergunta que era "Se você pudesse escolher ficar nessa escola ou ir para a nova, qual você escolheria ?", nesta pergunta, foram obtidas respostas com misto de sentimentos, algumas crianças ansiosas para viver o novo, mas outras totalmente inseguras e com medo, colocando que a escola nova é difícil e tem provas.

Coloco abaixo alguns trechos de diálogos das crianças citando o momento do brincar e algumas inseguranças durante a partida do jogo:

*Nomes fictícios.

Rodrigo: Do parque

Todos pedem para responder e respondem ao
mesmo tempo que é o tanque de areia

Pesquisadora: Porque?

Mariana A: porque lá pode brincar com todos os amigos.

Barbará: Tanque de areia.

…

Ana: Brinquedo para descansar.

Mariana A: Brinquedos.

Rodrigo: Brinquedo e muita diversão.

Vinicius: Sim, quando meu irmão mudou de escola ele disse que não tinha mais brincadeira e só estudar

Ricardo: Parquinho.

Thamires: Brincadeiras e brinquedos.

Amanda: Ir para nova escola.

Pesquisadora: Você está curiosa para conhecer a

nova escola?

…

Amanda: Sim.

Liz: Ir para a nova escola.

Rodrigo: Você não deveria estar ansiosa porque lá é difícil e tem que fazer prova, o meu pai está estudando comigo para eu me acostumar.

Agora, colocaremos para análise as respostas das professoras, do eixo temático as expectativas dos professores ao receber as crianças no primeiro ano, como fazem para garantir suas especificidades e singularidades.

A pergunta sete é voltada às expectativas dos professores ao receber as crianças da educação infantil pra o ensino fundamental, cada professora respondeu a sua maneira, cada uma teve uma visão.

A professora Neusa coloca que as crianças precisam ter noção espacial, direita e esquerda e reconhecer cores. Já a professora Gerusa coloca que não tem expectativas, mas que proporciona para as especificidades e singularidades das crianças desenhos, roda de conversa e música do alfabeto. A professora Lita espera que a criança já tenha tido contato com a alfabetização, conheça as letras, saiba escrever o nome e esteja na fase pré-silábico. A professora Mariana tem expectativas altas, que as crianças saibam os conceitos piagetianos (maior/menor, em cima/ em baixo/, alto/baixo), que a criança tenha vivenciado reflexões e socializado e que conheça o alfabeto. A professora Vera espera que a coordenação motora esteja boa, que a criança saiba recortar e colar, saiba pegar no lápis, saiba escrever o nome e conheça o alfabeto.

Ao analisar a resposta das professoras, nenhuma se aproxima da resposta das crianças, elas esperam receber crianças que conheçam o alfabeto, nenhuma citam em si as vivências, o momento de infância e do brincar, todas esperam que sejam pré alfabetizadas, como se a educação infantil fosse realmente um preparo para o ensino fundamental, já as crianças, esperam encontrar um ambiente acolhedor, um ambiente que tenha coisas novas e novos aprendizados, mas que tenham um momento para descanso e para o tão querido tanque de areia.

Dialogando com a RCNEI, 1998 o professor precisa conhecer as especificidades e singularidades dos seus alunos, mas esse é o maior desafio, mesmo tendo estudos avançados para tal, ainda não são suficiente, ainda cada criança tem sua individualidade e que precisa ser respeitada e entendida. As expectativas dos professores não podem se resumir apenas em alfabetização, mas em toda a singularidade e vivência no meio social de cada criança.

As professoras entrevistadas colocam que a escola em que trabalham se preocupa com as especificidades e singularidades das crianças que tem acolhida início e meio de ano, que acontece todo um preparo para a transição, que as professoras comentam da transição escolar já em agosto, a escola em que Gerusa trabalha acolhe as famílias já nas férias de janeiro, para que a criança conheça o espaço vazio e os pais sintam uma certa segurança em deixar os filhos na nova

escola, a Mariana coloca que as crianças são únicas e que ela tem um olhar atento para cada uma das crianças, já a Vera coloca que a escola em que ela trabalha as crianças permanecem na mesma escola, só mudam de sala, então não sentem tanto e não tem uma recepção diferente, elas já conhecem o espaço e continuam tendo acesso ao parque, só que com menos frequência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo identificar, no contexto escolar, voltando para a transição da educação infantil para o ensino fundamental, qual a expectativa do professor que recebe a criança da educação infantil no ensino fundamental, e se essas expectativas estão alinhadas com as das crianças, a partir disto, foi possível analisar através das entrevistas com professoras, a perspectiva que cada uma tem diante da temática.

No capítulo um da pesquisa, foi realizado um levantamento de autores relevantes para aprofundamento e entendimento da temática, porém, foi necessário ir além dos autores e das leis, ir na prática, e ver se transição escolar funciona de fato como prevê as leis e como os autores dizem que precisa ser, por tal motivo, foi realizada a entrevista com professoras que estão trabalhando ou já trabalharam com crianças do primeiro ano do ensino fundamental.

No capítulo dois, descreveu-se o percurso metodológico da pesquisa, composto pela coleta de dados, por meio de entrevistas. Para o capítulo três, foram selecionadas participantes que trouxeram suas contribuições e compreensão sobre o assunto, para que depois, fossem analisadas junto às respostas das crianças que foram obtidas na iniciação científica.

Através da construção do material teórico, percebeu-se que tem um material amplo de pesquisas na área, porém, na prática, no dia a dia da sala de aula, sem generalização, mas com os resultados obtidos de um número pequeno de professoras entrevistadas da cidade de Indaiatuba, foi possível notar que não há um entendimento satisfatório da parte das professoras diante do processo de transição escolar, as professoras não demonstram estarem preocupadas com o brincar e com a infância, mas sim, que a criança chegue no primeiro ano já pré alfabetizada, para que assim, facilite o serviço delas e elas sigam alfabetizando e ensinando a criança a ler.

A partir da pesquisa, ficou evidente que as expectativas das professoras não são condizentes com as das crianças, para que tenha um alinhamento e satisfaça os dois lados, é importante que a gestão escolar continue proporcionando momentos para conhecer a escola nova, para facilitar o processo de transição, e ainda na gestão, que ela proporcione formação para as professoras voltada a transição

escolar, para que as professoras consigam entender que é um marco na infância e que isso mexe com o psicológico da criança, que as professoras entendam que a educação infantil não é um preparo para o ensino fundamental, o processo de alfabetização se dá no ensino fundamental.

As professoras tendo uma boa formação e entendendo esse processo, irão mudar sua forma de trabalhar e em consequência, aliviar esse processo para as crianças. Se as professoras da educação infantil, trabalharem coordenação motora, infância, o brincar, vivências e a socialização, a criança ao entrar no ensino fundamental, terá já ricas experiência e vivências, estará pronta para a nova fase que é o ensino fundamental. Já no ensino fundamental, se a professora tiver suporte e conseguir conhecer as especificidades e singularidades de cada criança, conseguirá tornar o processo de transição menos estressante e com menor sofrimento para a criança.

As professoras ainda, podem fazer combinados e continuar dando espaço para o parque e tanque de areia que as crianças tanto gostam, podem também proporcionar uma alfabetização lúdica, tornando o processo de ensino aprendizagem mais tranquilo e eficaz.

Para que as professoras tenham essa atenção cuidadosa, é necessário que tenham melhores condições de trabalho, pois conforme uma das entrevistadas citou, o que a desmotiva na educação é a condição de trabalho, então se forem valorizadas de fato, sem serem mal remuneradas e sobrecarregadas, conseguirão fazer um trabalho de transição com excelência.

Conclui-se que um dos passos para essa melhoria é através de políticas públicas, melhorando as condições de trabalho, a gestão garantindo um processo de transição escolar de satisfatório e continuar com as pesquisas sobre a temática, mas não apenas para mostrar resultados, mas sim, para mostrar o que é importante mudar e o que é importante manter, mas que essas mudanças realmente ocorram.

REFERÊNCIA

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/linha-do-tempo-2017-dezembro/BNCCpublicacao.pdf. Acesso em: 15 nov. 2023.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEB, 2009. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECEBN52009.pdf?query=diretrizes%20curriculares. Acesso em: 15 nov. 2023;

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 15 nov. 2023

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 15 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil (Volume 1 e 2).** Brasília, DF, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol1.pdf. Acesso em: 15 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade.** Brasília, MEC, SEB, 2007. Disponível em : http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf. Acesso em: 15 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Política Nacional de Educação infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação.** Brasília, MEC, SEB, 2005. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pol_inf_eduinf.pdf. Acesso em: 15 nov. 2023.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Volumes 1, 2 e 3)**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf. Acesso em: 15 nov. 2023.

COELHO, Elis Maria Sanchez. **Transição creche- pré-escola- ensino fundamental:**: desafios ao processo de integração.. desafios ao processo de integração.. Disponível em: https://www4.fe.usp.br/pesquisa-arquivos/public7/volume7/ElisMariaSanchezCoelho.pdf. Acesso em: 14 out. 2023.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecilia de Souza (org.). **Pesquisa Social**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GONÇALVES, Luciana dos Santos; ROCHA, Maria Silvia Pinto de Moura Limbrandi da Rocha. Documento oficiais, pesquisas acadêmicas e práticas pedagógicas na construção da transição entre Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Ensino Em Re-Vista**. v. 28, p. 1-24, 2021. DOI: https://doi.org/10.14393/ER-v28a2021-35. Disponível em : https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/60973/31642. Acesso em: 15 nov. 2023.

KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda R.; CORSINO, Patrícia. Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. **Educação e Pesquisa**, v. 37, p. 69-85, 2011. DOI: https://doi.org/10.1590/S1517-97022011000100005 . Disponível em: https://www.scielo.br/j/ep/a/vZGy5F6XjQ3C9rS4VvrcMXJ/?lang=pt. Acesso em: 15 nov. 2023.

MACEDO, Lídia; SPERB, Tania Mara. O desenvolvimento da habilidade da criança para narrar experiências pessoais: uma revisão da literatura. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 12, p. 233-241, 2007. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-294X2007000300005 . Disponível em: https://www.scielo.br/j/epsic/a/pRtcy95S5pSCmFGLF5LPYTG/. Acesso em: 15 nov. 2023.

MARINHO, Amanda Cristina Ferreira; CORDEIRO, Suzi Maria Nunes; FERREIRA, Helaine Patricia. O SABER DOCENTE SOBRE A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL. **Trabalho & Educação**, [S.L.], v. 29, n. 1, p. 111-123, 18 maio 2020. DOI: http://dx.doi.org/10.17648/2238-037x-trabedu-v29n1-13888. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/13888. Acesso em: 26 abr. 2023.

MARTINATI, A. Z.; ROCHA, M. S. P. M. L. Faz de conta que as crianças já cresceram: o processo de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. **Psicol. Esc. Educ**., Maringá v. 19, n. 2, p. 309-320, Ago. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000200309&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 nov. 2023.

MARTINATI, Adriana Zampieri; ROCHA, Maria Silvia Pinto de Moura Librandi da. " Faz de conta que as crianças já cresceram": o processo de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, p. 309-320, 2015. DOI: • https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0192839 . Disponível em: https://www.scielo.br/j/pee/a/dQMTYBy3gtKMHddmNmbXVGh/. Acesso em: 15 nov. 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LUCAS DO RIO VERDE. Secretaria Da Educação. **Transição entre a educação infantil e ensino fundamental**. 2020. Disponível em: https://www.lucasdorioverde.mt.gov.br/arquivos/userfiles/educacao/PROGRAMAS_E_PROJETOS/PROJETO_TRANSICAO_ENTRE_ED_INFANTIL_E_EN_FUNDAMENTAL.pdf. Acesso em: 26 jun. 2023.

MELLO, Suely Amaral. A transição da educação infantil para o ensino fundamental: uma teoria para orientar o pensar e o agir docentes. **Educação em Análise**, [S.L.], v. 3, n. 2, p. 47, 7 dez. 2018. Universidade Estadual de Londrina. DOI: http://dx.doi.org/10.5433/1984-7939.2018v3n2p47. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/educanalise/article/view/33683. Acesso em: 25 abr. 2023.

MIRANDA, Maria Irene Conceitos centrais da teoria de Vygotsky e a prática pedagógica. **Ensino em Re-Vista,** v. 13, n. 1, p. 7-28, 2005. Disponível em: file:///C:/Users/Misael/Downloads/admin,+Conceitos+centrais+da+teoria+de+vygotsky+e+a+pr%C3%A1tica+pedag%C3%B3gica.pdf. Acesso em: 15 nov. 2023.

MIRANDA, Simão Francisco de. Afeto e auto-estima nas relaçõesinterativas em início de escolarização. **Linhas Criticas**, Brasília, v. 13, n. 25, p. 299-310, dez. 2007. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/3414/3100. Acesso em: 17 jun. 2023.

NEVES, Vanessa Ferraz Almeida; MUNFORD, Danusa; COUTINHO, Francisco Ângelo; SOUTO, Kely Cristina Nogueira. Infância e Escolarização: a inserção das crianças no ensino fundamental. **Educação & Realidade**, [S.L.], v. 42, n. 1, p. 345-369, mar. 2017. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/2175-623655336. Disponível em: https://www.scielo.br/j/edreal/a/vkxWMV7vQxz4gHct7ycx8vk/?lang=pt#. Acesso em: 16 ago. 2023.

OLIVEIRA, Michelly Leopodino de; ROCHA, Maria Silva Pinto Moura Librandini. . A um passo do ensino fundamental: explorações das memórias de crianças sobre suas experiências na educação infantil a partir do uso de jogos de regras. In: XXVII Encontro de Iniciação Científica, 2022, Campinas. **Anais do XXVII Encontro de Iniciação Científica PUC- Campinas**, 2022. v. 01. p. 1-1.

PASQUALINI, Juliana Campregher. < b> Contribuição ao debate sobre o problema da preparação para a escola de ensino fundamental na educação infantil. **Teoria e Prática da Educação**, v. 17, n. 3, p. 93-106, 2014. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/28211/pdf_72. Acesso em: 15 nov. 2023.

PASSEGGI, Maria Conceição.; NASCIMENTO, Gilcilene.; RODRIGUES, Senadath. Narrativas de crianças sobre a escola: desafios das análises. **Revista Lusófona de Educação**, v. 40, p. 155-169, 2018. Disponível em: https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/9324/1/Narrativas%20de%20crian%c3%a7as.pdf. Acesso em: 15 nov. 2023.

SOUZA, Jhaínaaryce de Pontes e; MUBARAC SOBRINHO, Roberto Sanches; HERRAN, Vallacechriciano Souza. Ressignificando os conceitos de criança e infância. **Revista Amazônida**, v. 01, n. 03, p. 114-129, 2017. DOI: https://doi.org/10.29280/rappge.v1i1.4116 .Disponível em: https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonida/article/view/4116/3591. Acesso em: 08 abr. 2023.

APÊNDICES

Quadro 2. Processo de transição e a relação familiar.

Eixo temático: Processo de transição e a relação familiar.		
Categoria/pergunta: 2- O que você considera importante garantir para os alunos no processo de transição da pré-escola para o primeiro ano? Como a escola e você professora organizam a acolhida desses novos alunos e família? 3- Que dinâmicas pedagógicas você considera serem relevantes para garantir um processo de transição positiva para aprendizagem dos alunos? (organização tempo, tipos de atividades, mediação do professor, relação afetiva, regras …)		
Definição:	Abordam coisas que consideram importantes para o processo de transição escolar.	Citam as dinâmicas pedagógicas que utilizam.
Professoras:	**Excertos (resposta questão 2):**	**Excertos (resposta questão 3):**
Neusa	Rotina, adaptação e carga afetiva. A escola faz acolhida para as famílias sim, e a primeira semana de aula é mais tranquila.	Conscientizar a família, explicar o que é a educação infantil, carga afetiva e vínculos.
Gerusa	Criar vínculos com as crianças e famílias, identificação e afetividade.	Ouvir as crianças, roda de conversa, autoconhecimento e conhecimento do outro, desenhos e muito diálogo.
Lita	Momento difícil para o aluno (transição), recepção carinhosa, alteração da organização da sala de aula, adaptação, dinâmica e sondagem.	Regras e rotinas.
Mariana	Autoconfiança, conceitos básicos, conceitos Piagetianos, maior e menor, em cima e embaixo, reconhecer pelo menos o alfabeto, parceria com a família é tudo, valorizar qualquer aprendizado, tem acolhida na escola juntamente com a coordenação.	Toda dinâmica é relevante, relação de afetividade, merecer para ganhar, criança é tábula rasa.
Vera	A criança que sai da pré-escola, chega sabendo escrever nomes, conhece letras, habitados ao estudo, não exigir muito da criança,	Utilizar de combinados, primeiro a obrigação e depois a diversão, final da aula desenho ou brincar.

	mas mostrar que agora eles têm obrigações.	
Subeixo: Relação família e escola com o meio social e as questões afetivas.		
Categoria/pergunta: 4- É conhecido que o meio social e as questões sócio afetivas que envolvem os alunos são relevantes para um bom resultado no processo de alfabetização. Considerando isso, como você vê a relação da escola com a família neste processo? Você acredita que há diferença nesta relação quando o aluno frequenta a EI e na transição no EF?		
Definição:	Mostram suas vivências com a relação escola-família.	
Professoras:	**Excertos (resposta questão 4)**	
Neusa	Conscientizar a família, explicar o que é a educação infantil.	
Gerusa	Distância da criança que frequentou a educação infantil e a que não frequentou, postura em sala, similaridade com espaço escolar, defasagem e a questão social, saem da educação infantil praticamente alfabetizadas.	
Lita	Importante o apoio familiar, educação infantil é um preparo para o ensino fundamental.	
Mariana	Relação família e escola é tudo, socialização, conseguir usar lápis, caderno,não precisa ser alfabetizada, cognitivo e emocional.	
Vera	A criança que não frequentou a pré escola chega com uma defasagem, de conteúdos prévios.	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Quadro 3. Relatórios e a sua utilidade para as professoras do ensino fundamental.

Eixo temático: Relatórios e a sua utilidade para as professoras do ensino fundamental.	
Categoria/pergunta: 5- Os professores do ensino fundamental do primeiro ano recebem relatórios dos professores da educação infantil, e como essas informações estão previstas nesses relatórios? Se auxilia no processo de transição desses alunos e também na dinâmica pedagógica do processo de alfabetização.	
Definição:	Citam suas experiências e opiniões em relação ao relatório escolar.
Professoras:	**Excerto (resposta à questão 5):**
Neusa	Recebe relatório, ajuda no processo sim, mas não têm uma opinião formada, de uma férias para outra as crianças mudam bastante já.
Gerusa	Sim, sempre teve relatório. Lê, mas não gosto de seguir relatório, gosta de ir conhecendo o aluno e criar sua própria percepção.
Lita	Chegam com relatório, isso é de grande valia, uma prévia de como será esse aluno.
Mariana	Recebe sim. Auxiliam muito sim, planejamento, projetar atividades, toda comunidade escolar lê os relatórios.
Vera	Recebe relatório sim.
Subeixo: Práticas pedagógicas que ajudam no processo de transição, trabalhando as especificidades e singularidades de cada criança.	
Categoria/pergunta: 6- Você pode citar algumas condições pedagógicas importantes na prática que possam garantir um processo de transição dos alunos de forma positiva para a continuidade do seu desenvolvimento e aprendizagem no ensino fundamental ? Então as práticas que envolvem as especificidades dos alunos e as singularidades de cada um.	
Definição:	Citam atividades pedagógicas que favorecem o processo de transição.
Professoras:	**Excerto (resposta à questão 6):**
Neusa	As atividades são conhecer cada aluno, os que têm dificuldades trabalhar em cima delas, as crianças que avançaram, precisa avançar e não manter o mesmo conteúdo, se não a criança perde o interesse.
Gerusa	Roda de conversa.

Lita	Ensinar utilizar caderno, cuidado com material.
Mariana	Intervenções do início ao final do dia, grupos de estudos, roda de leitura, reflexões.
Vera	Sondagem.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Quadro 4. As expectativas dos professores ao receber as crianças no primeiro ano, como fazem para garantir as especificidades e singularidades de cada criança.

Eixo temático: As expectativas dos professores ao receber as crianças no primeiro ano, como fazem para garantir as especificidades e singularidades de cada criança.		
Categoria/pergunta: 7- Ao receber a criança da educação infantil no início do ano letivo, quais são as expectativas dos professores, em particular a sua expectativa enquanto professora, e o que espera que a criança tenha vivenciado na pré-escola para a continuidade do seu processo de aprendizagem no primeiro ano do ensino fundamental? 8- Na sua opinião, o processo de transição organizado e desenvolvido pela instituição escolar tem sido efetivo e para garantir a especificidade e singularidade dos alunos ingressantes no ensino fundamental? Por que? De que forma?		
Definição:	Abordam suas expectativas em relação ao aluno que irá receber no primeiro ano.	Citam como trabalham as especificidades e singularidades de cada aluno.
Professoras:	**Excerto (resposta da questão 7):**	**Excerto (resposta da questão 8):**
Neusa	Compreender comandas, autonomia, coordenação motora, percepção visual, saber esquerda e direita, noção espacial, cores, reconhecer letras, consciência fonológica.	Sim, a escola programa uma recepção, mas não acredita que apenas isso seja suficiente, pois as crianças já mudam de uma férias para outra.
Gerusa	Desenho, roda de conversa, música, alfabeto. Não espera nada da criança, não cria expectativas.	Acontece todo um preparo, em agosto já falam das mudanças. Tem acolhida, recebe os familiares e crianças nas férias para conhecer a escola nova.
Lita	Contato com a alfabetização, saiba escrever o nome, conheça as vogais, estejam na fase pré-silábico.	A transição é efetiva, preparam para a alfabetização desde a educação infantil.
Mariana	Expectativas altas, conceitos básicos (Piagetianos), maior e em cima, alto e baixo, maior e menor, vivenciado análise de reflexão, socialização, empatia, conhecer as letras do alfabeto e conhecer as cores.	Sim, a transição é garantida sim. Busca estimular as crianças, desenvolver o potencial em cima das especificidades, cada criança é única, ter o olhar singular para cada um dos alunos.
Vera	Coordenação motora, recortar e colar, pegar no lápis, escrever o nome, letras do alfabeto.	Por permanecerem na mesma escola não sentem tanto, mas sentem a falta das brincadeiras e do tanque de areia.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).